

AS HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DE MULHERES DO MST

CARLA NEGRETTO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – ka_karlynha10@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O artigo exterioriza considerações de um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, denominado “Trabalho Artesanal com Mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, que busca articular ‘gênero, educação, histórias de vida e artesanato’, no sentido de promover ações com mulheres assentadas, que contribuam para um processo de emancipação e empoderamento das participantes.

O projeto se aplica nos estudos das narrativas de histórias de vida oral de 15 Mulheres Assentadas da Reforma Agrária do município de Pinheiro Machado - RS. Os estudos tem como foco trazer contribuições da pesquisa narrativa (auto)biográfica nos processos da Educação Popular sobre a construção dos diferentes papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Explora-se deste modo, o espaço social e como damos forma as experiências no contexto em que estamos inseridos ou, mais especificamente falando, como nos tornamos o que somos e como significamos nossa existência através das diferentes linguagens culturais.

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória (ABRAHÃO, 2004, p. 203)

Nesse sentido, a investigação realizada desde o ano de (2014), tem permitido compreender e discutir, através da realização de Oficinas Artesanais Coletivas, como ocorre as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho por meio das próprias narrativas das envolvidas.

A memória é o elemento chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

A proposta, que envolve extensão mas também pesquisa, tem como objetivo propor a união entre a educação e a teoria feminista, na figura de uma educação que, através de seus processos, problematize as trajetórias das mulheres, abrindo possibilidades para que as abordagens autobiográficas afluam no próprio processo de produção artesanal.

2. DESENVOLVIMENTO

Os relatos que surgem durante os encontros, são problematizados a partir da formação política pedagógica das questões feministas, tendo como referencial teórico os estudos de gênero de Saffioti (1987), entre outras, que analisa os papéis sociais atribuídos a diferentes categorias de sexo e possibilita a abordagem sobre a discriminação contra mulheres e o machismo na sociedade brasileira, enquanto o referencial das histórias de vida de Josso (2004) buscam dar conta das narrativas das envolvidas.

Revisitar sua história a partir de temáticas que, no aqui e agora, guiam e orientam uma retrospectiva, para extrair daí o que pensamos das vivências que contribuíram para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreendê-los melhor, tal é a tarefa primeira da pesquisa biográfica sobre as relações que nos moldaram (JOSSO, 2012, p. 115-116).

Abrahão (2004, p. 202), descreve a pesquisa (auto)biográfica como “uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Desse modo, o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator, e ator de suas próprias experiências sem que aja uma mediação externa de outros (SOUZA, 2010).

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e interrelacionado em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividade, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica (ABRAHÃO, 2004, p.203).

É a autobiografia na sua forma mais sintética, através de seus processos de gênese sócio individual que dá conta do estudo dos diferentes modos de constituição do indivíduo como ser singular (Delory-Momberger, 2003;2005). Portanto a pesquisa busca compreender como essas mulheres camponesas constroem suas trajetórias de vida pessoal-profissional, e de contrapartida como essa trajetória as constrói, isto é, seguindo de acordo com os estudos de DeloryMomberguer (2012, p. 73), “o indivíduo, no decurso de suas experiências no tempo, ao mesmo tempo que produz em si mesmo e fora de si mesmo o espaço do social, se constitui a si mesmo como individuo singular”.

3. RESULTADOS

Com base no diálogo das Narrativas de História de vida oral, Educação Popular e Feminismo, a pesquisa busca analisar os resultados obtidos através dessa prática teórico-metodológica. A história de vida das participantes chama a atenção para a relação com o saber do passado-presente, isto é pela compreensão do sujeito vivido “resultado dos distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo” (SAFFIOTI, p.08, 1987) e pela complexidade dos novos passos que essa mulher camponesa se destina através do movimento das novas ideias adquiridas advindas do contato da própria trajetória da mulher na luta pela terra, liberdade, igualdade e felicidade.

É de Simone de Beauvoir uma das principais frases do movimento feminista: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A mulher não tem um destino biológico, ela é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel no seio da sociedade.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua

capacidade de ser mãe. De acordo com esse pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (SAFFIOTI, p.09, 1987).

Nesse sentido entende-se que cada mulher pesquisada se (re)forma pela própria reflexão de seus percursos pessoais, sociais e políticos. As narrativas possibilitam de maneira subjetiva, a reflexão ontológica “quem sou eu?”. E mobiliza a consciência de si para fundar os novos rumos da vida.

Na nossa experiência, é possível perceber que os relatos pessoais de cada participante se revelam de forma subjetiva, uma vez que cada uma se vê e se revela de acordo com sua concepção de mundo e de si mesmo. Por meio das narrativas que afloram das histórias de vida tivemos muitos avanços positivos na luta pela emancipação feminina e na análise das situações mais abrangentes do enfrentamento tanto do capital quanto do patriarcado. Contempla-se hoje que essas mulheres assentadas da reforma agrária, estão conseguindo edificar uma nova perspectiva de libertação da mulher camponesa do atraso ao acesso de informação e formação.

As Narrativas de Histórias de Vida se materializam no diálogo entre Educação Popular e Feminismo, intencionando-se para construção coletiva de conhecimento por meio do despertar do senso crítico de cada participante. De acordo com Paulo Freire, a Educação Popular valoriza os saberes e a realidade do povo para construção de novos saberes com metodologias incentivadoras a participação e ao empoderamento desses sujeitos(as), permeado por um processo de construção de conhecimento pedagógico e político estimulador de transformação social. E o Feminismo trabalha para politizar o privado e o cotidiano (DORLIN, 2009; GEBARA, 2008) e a partir desse contexto vai afirmar que no cotidiano existe conhecimento (CASTRO, 2014).

4. AVALIAÇÃO

A arte de artesanato para si, ao mesmo tempo que produz peças artesanais que objetivam pela própria emancipação financeira das participantes, também revisita o íntimo de cada mulher na sua singularidade e subjetividade, transformando as experiências experimentadas numa nova percepção de mundo e de vida. E é pela leitura transversal das narrativas de história de vida pessoal de trabalhadores e trabalhadoras da reforma agrária, que o pesquisador docente, também aprende e se modifica, adquirindo novas práticas de formação, de ensino, de construção identitária – relacionando aos diferentes momentos de cenários social, político, econômico e cultural da nosso país (ABRAHÃO, 2001). Dessa forma, a pesquisa autobiográfica se materializa em contribuições e desconstruções históricas da realidade, pois é a partir dos relatos de fatos vividos que se promove um novo olhar para o futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **História e Histórias de Vida – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001a.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura**

(auto)biográfica – teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 201-224.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). Tomo I. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais: **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.** Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

Delory-Momberger, Christine. Les histoires de vie. **De l'invention de soi au projet de formation.** Paris, Anthropos, 2000/2004. . *Biographie et education. Figures de l'individu-projet.* Paris, Anthropos, 2003. . *Histoire de vie et recherche biographique en éducation.* Paris: Anthropos, 2005. . *La condition biographique.* Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero y sexualidades:** introducción a la teoria feminista. Buenos Aires: Claves, 2009.

FREIRE, P. **Que fazer?** Teoria e Prática em Educação Popular. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011;

GEBARA, Ivone. **As epistemologias teológicas e suas consequências.** IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.* São Leopoldo: Sinodal, 2008.

JOSSO, M. C. **Histórias de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, A; FINGER, M; (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. da C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Orgs.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. da C; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). Tomo II. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica** Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SETOR DE FORMAÇÃO DO MST, **Método de Trabalho e Organização Popular.** São Paulo: Editora Anca, 2005.

SOUZA, E.C. **Autobiografia docente.** In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.* Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

Documentos eletrônicos

CASTRO, A. M. **Educação Popular e Estudos Feministas: Problematizando a produção de tecelãs.** Encontro Internaccional do Fórum Paulo Freire, 2014 - acervo.paulofreire. Org. Acessado em 08 out. 2017. Online. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3465/FPF_PT PF_01_0450.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3465/FPF_PT_PF_01_0450.pdf)